

Sally Grindley

O PREÇO DA
LIBERDADE

uma menina condenada ao
trabalho escravo na China

Tradução de Inês Lohbauer

ea
editora ática

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior.

Título original: *Spilled water*

Título da edição brasileira: *O preço da liberdade*

© 2004 Sally Grindley

"The moral rights of the author have been asserted"

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Gabriela Dias
Editor assistente	Fabrcio Waltrick
Produção editorial	Dreampix
Redação	Erika Kobayashi
Preparadora	Carla Mello Moreira
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Camila Zanon Cátia de Almeida

ARTE

Ilustração da capa

Editora

Editoração eletrônica

Hannah Cole

Cintia Maria da Silva

Carla Almeida Freire

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

G878p
2.ed

Grindley, Sally

O preço da liberdade : uma menina condenada ao trabalho escravo na China / Sally Grindley ; tradução de Inês Lohbauer. - 2. ed. - São Paulo : Ática, 2012.
152p - (Vasto Mundo)

Tradução de: *Spilled water*
ISBN 978-85-08-15683-2

1. Trabalho infantil - China - Literatura infantojuvenil. 2. Vida familiar - China - Literatura infantojuvenil. I. Lohbauer, Inês. II. Título. III. Série.

06-2161.

CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 15683-2 (aluno)
ISBN 978 85 08 10528-1 (professor)
Código da obra CL 737753
CAE 268251

2014

2ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2006
Avenida das Nações Unidas, 7221 — CEP 05425-902 — São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 — atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Pelo direito à esperança

Jô Azevedo

Desde 1984, a escritora inglesa Sally Grindley se dedica a escrever para crianças. Ao ler um artigo de jornal em 2002 sobre formas de escravidão moderna na China, teve a ideia de produzir este livro. A notícia revelava que meninas de famílias pobres eram vendidas como servas domésticas, esposas de homens velhos e coisas ainda piores.

Sally pesquisou mais, colheu outros dados, estudou a cultura chinesa, viajou até o país, e assim surgiu a história de Lu Si-yan. O texto apresenta as situações que uma menina de 11 anos vive desde que sai de casa, na região agrícola, vendida para trabalhar na casa de uma família da cidade.

Nesse percurso, notamos o quão frágil e vulnerável é essa garota, por sua condição de criança, dependente das decisões dos adultos. Essa criança, que também por ser do sexo feminino é considerada inferior na sociedade em que vive, arruma forças para enfrentar as adversidades que lhe são impostas. Com sua saga, nos perguntamos: por que tantas crianças de famílias pobres em vários lugares do mundo são vítimas dessas práticas intoleráveis, e em especial as meninas?

Os estudos estatísticos ajudam a situar esse problema, mas não respondem plenamente à pergunta. O ressurgimento do trabalho infantil em escala planetária é uma realidade do século XX que perdura no novo milênio. Um dos principais motivos é o aumento da pobreza, relacionado à globalização econômica. Na metade da

década de 1990, estimava-se que 1,3 bilhão de pessoas encontrava-se em estado de miséria, concentradas principalmente no conjunto de países da Ásia (550 milhões), da África (215 milhões) e da América Latina (150 milhões). Metade dessa população era constituída por crianças.

E, destas, 240 milhões, entre 5 e 14 anos, trabalhavam, segundo pesquisa da Organização Internacional do Trabalho e do Unicef. Em todas as regiões, a agricultura concentrava 70% das crianças trabalhadoras, das quais 75% eram meninas. Nas demais atividades, os meninos eram em maior número, mas as estatísticas não consideravam o trabalho doméstico e as atividades de cuidado, afeitos às mulheres e meninas.

Esse “trabalho invisível” nas casas é de difícil resolução. Como Lu Si-yan, crianças e adolescentes, em geral dos 12 aos 17 anos, trabalham completamente isolados, com jornadas de até 15 horas diárias, remuneração muito baixa ou inexistente, e cargas maiores do que sua capacidade física e emocional pode suportar.

Aqui no Brasil, a Agência Nacional pelos Direitos da Infância (Andi) informou, em 2003, que havia meio milhão de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos trabalhando em casas de terceiros. Destes, 230 mil tinham menos de 16 anos, idade mínima permitida pela legislação brasileira. Com jornadas exaustivas, sem direito a descanso, sujeitas a abusos, até mesmo sexuais, e com remunerações aviltantes, essas meninas e meninos, em sua maioria, não podiam ir à escola — fundamental para que sua condição pudesse mudar. E os fiscais do trabalho não conseguiam multar esses patrões, pois a lei garante a inviolabilidade das casas de família.

Os números mostram como é grave o problema, mas nos fazem perguntar por que ele se multiplica e não é solucionado. O mesmo mundo que produz coisas maravilhosas, como a informática, a biotecnologia e os telefones celulares, ao que parece também replica a pobreza e a desigualdade social.

Assim como este livro é a prova de quanto um artigo de jornal pode mobilizar outras ações de informação e debate na sociedade, a realidade pode mudar a favor das crianças pobres, em especial das meninas, com mais e mais informação. E por isso é tão importante a obra de Sally Grindley, já que transforma as frias estatísticas em emoções calorosas, como a indignação e a solidariedade — e são elas que movem a roda da mudança.

A jornalista Jô Azevedo é coautora de três livros sobre o trabalho na infância: Crianças de fibra, da Editora Paz e Terra; Serafina e a criança que trabalha e Trabalho infantil – o difícil sonho de ser criança, ambos da Editora Ática.

A história de Lu Si-yan se passa na China.
Você sabe onde fica esse país?



Capítulo um

A caminho do mercado



Eu amava meu irmãozinho, um bebê ainda, até que meu tio me levou ao mercado e me vendeu. Meu irmãozinho era como uma pedrinha clara, brilhando sob as águas de um rio como uma estrela cintilante no céu, até que meu tio me levou ao mercado e me vendeu. Então, eu passei a odiar meu irmão.

— Lu Si-yan — disse meu tio bem cedo numa manhã de verão —, hoje é um grande dia para você. A partir de hoje terá de aprender a encontrar o seu próprio caminho no confuso turbilhão da vida. Sua mãe e eu lhe demos um bom começo. Agora é por sua conta.

Minha mãe, que estava meio escondida nas sombras da cozinha, não olhou para mim nem disse uma só palavra. Meu tio me segurou pelo pulso, com firmeza. Enquanto ele me levava para fora de casa, minha mãe estendia as mãos na minha direção tentando agarrar o ar, como se quisesse me trazer de volta. Então ela pegou o meu irmãozinho e se escondeu atrás da porta; mesmo assim, eu vi seu rosto contraído de dor — e, naquele momento, o medo apertou meu coração.

— Para onde está me levando, tio Ba? — gritei.

— É para o seu bem — respondeu ele, severamente.

— Você está machucando meu braço — gritei.

Ele me arrastou pelos terraços¹ secos do nosso pequeno sítio, espantando galinhas e patos do caminho, e

¹ Terreno nivelado para cultivo de hortaliças, construído na forma de degraus em superfícies inclinadas, como morros e montes. O terraço aumenta a capacidade do solo de absorver água e o protege da erosão causada pela chuva.

depois pela trilha poeirenta que subia íngreme em direção à estrada. Ali caminhamos, meu tio no passo rápido de um homem de negócios, e eu arrastando meus pés em sinal de protesto, até chegarmos ao ponto de ônibus.

— Para onde vamos, tio Ba? — choraminguei, dessa vez.

— Para o mercado — disse ele.

— O que vamos comprar? — perguntei.

Capítulo dois

A alma mais feliz do mundo



Todo mundo gostava do meu pai. Minha mãe costumava dizer que ele era a alma mais feliz do mundo. Quando você estava com ele, também se sentia feliz.

Quando havia só eu, ele costumava me erguer e me colocar nos seus ombros, e trotava em direção ao rio, onde me segurava no ar e mergulhava meus pés na água. Eu gritava de frio, mas depois ele enfiava meus pés nos bolsos do seu casaco, um em cada lado, e corríamos de volta, rindo ao longo de todo o caminho.

Quando havia só eu, ele me colocava sentada no seu riquixá² e pedalava pela estrada, passando sobre os pedregulhos – tum, tum, tum —, sacudindo e cantando o mais alto que podia. Eu balançava para cima e para baixo no banquinho, gritando para que ele parasse, mas no fundo querendo que continuasse.

Quando havia só eu, ele me ensinava a jogar xadrez e *wei-qi*³; às vezes eu ganhava, mas sabia que ele me deixava vencer. Jogávamos *mahjong*⁴ com meu tio e minha mãe.

2 Espécie de carroça pequena, formada por uma cadeirinha e duas rodas. Geralmente é puxada por uma pessoa a pé ou numa bicicleta. É muito usado nos países do Oriente, como China e Índia.

3 Jogo de estratégia disputado entre duas pessoas. O objetivo do jogo é dispor a maior quantidade de peças no tabuleiro e evitar que suas peças sejam cercadas pelas do adversário. No Ocidente é mais conhecido como *go*.

4 Muito popular na China, é um jogo disputado por duas ou quatro pessoas, com 144 cartas ou peças. O objetivo é descartar as peças até que um jogador faça as combinações necessárias entre elas e vença.

Papai e eu soltávamos pios estranhos toda vez que chegava o momento do “gorjeio dos pardais”⁵, enquanto meu tio torcia o nariz e minha mãe revirava os olhos em direção ao céu, muito irritada.

Nunca tivemos muito dinheiro, mas nunca percebi, porque os outros moradores da nossa aldeia também não tinham. O ditado preferido de papai era: “Se você acha que tem o bastante, então é rico de verdade”, e ele acreditava nisso. “Temos alimentos frescos e roupas que nos esquentam, um teto sobre nossa cabeça (com algumas goteiras quando chove) e uma cama de madeira para dormir. O que mais podemos querer?”, perguntava ele. “E não é só isso”, continuava, “tenho a coisinha mais fofa de toda a China, a minha filha”.

Meus pais trabalhavam duro para nos garantir o básico. Papai saía cedo de manhã, com as ferramentas no ombro, para cuidar dos vários terraços nos quais cultivávamos hortaliças, que se espalhavam irregularmente nas encostas acima e abaixo da nossa casa. Ele cavava, arava, semeava e colhia ao longo do inverno gélido e do calor sufocante do verão. No meio do dia voltava para casa carregando triunfante um maço gigante de repolhos, uma bacia de vagens frescas ou um cesto cheio de nabos do tamanho de melões.

“Seu pai consegue produzir as maiores e mais saborosas hortaliças num pedaço de terra do tamanho de um lenço de seda”, minha mãe costumava dizer, e eu corria atrás dele para ajudá-lo, porque um dia também queria produzir as maiores e mais saborosas hortaliças da região.

Geralmente eu passava as manhãs com mamãe, alimentando as galinhas e os patos e recolhendo os ovos que ficavam espalhados pelo quintal. Eu levava restos de verduras da cozinha para o porco, e colocava feno limpo no chiqueiro. Uma vez por semana, íamos, junto com nossos vizinhos e seus filhos, lavar a roupa no rio. Era o melhor dia da semana. Quando fazia calor, nós,

5 Momento de embaralhar as peças no *mahjong*.

crianças, tirávamos as roupas e pulávamos no rio, brincando com a água e gritando muito. Aprendíamos a nadar cedo, e nadávamos para cima e para baixo naquelas águas agitadas. Assim que voltávamos à margem, cada mãe ensaboava seu filho, depois mergulhávamos de novo no rio para nos enxaguar, e em seguida corríamos para nos secar ao sol. No inverno às vezes o rio congelava por vários dias. Algumas das crianças mais velhas patinavam no gelo, mas papai dizia que eram loucas, porque alguém poderia cair e se machucar.

Ao meio-dia, quando meu pai voltava, mamãe já havia preparado o arroz e a sopa. Ele costumava me colocar sentada no seu colo e perguntar o que eu tinha feito durante toda a manhã. Eu inventava histórias sobre lutas com dragões e fugas de templos mal-assombrados, e ele ficava ali, sentado, dizendo: “É mesmo? É mesmo? Que manhã agitada!”, até que caíamos na gargalhada e papai dizia: “Espero que o resto do seu dia seja mais tranquilo”.

À tarde, papai voltava para os terraços ou então caminhava vários quilômetros com outros habitantes da aldeia para trabalhar nos campos de arroz que possuíam em comum. Mamãe ia à aldeia para fazer compras e fococar, e eu ia com ela para brincar com meus amigos. Ninguém se incomodava com as nossas correrias para dentro e para fora das lojas, brincando de esconde-esconde, e os velhinhos sorriam quando espiávamos por cima dos seus ombros os jogos de cartas, em mesas de dobrar bambas montadas na rua.

De volta para casa, mamãe e eu preparávamos o jantar, deixando tudo pronto para quando meu pai chegasse. Às vezes, quando ele vinha cedo, pegava a canoa e ia pescar no rio. Deixava-me ir com ele se eu promettesse ficar quietinha. Uma vez pescamos a maior carpa jamais vista na aldeia. Quando a pusemos de pé sobre a cauda, vimos que era maior que eu! Levamos o peixe ao mercado e recebemos tanto dinheiro por ele que papai conseguiu comprar um par de sapatos novos para cada um de nós.

Papai nunca trabalhava nos domingos à tarde. Se necessário, trabalhava até mais durante a semana para ter esse tempo livre para a família. Aos domingos afiava todas as nossas facas de cozinha, escolhia as melhores hortaliças da nossa horta, matava uma das galinhas, e começava a picar temperos, ervas, gengibre e alho para preparar nosso jantar. Era o seu momento preferido. Sentávamos ao redor da mesa e conversávamos com ele, enquanto picava tudo. Não deixava que eu e mamãe ajudássemos. “Você foi obrigada a preparar minhas refeições durante a semana toda”, dizia ele à minha mãe. “Agora é minha vez de preparar a sua.”

Quando minha mãe dizia que ele estivera trabalhando a semana inteira e deveria descansar, simplesmente respondia: “É diferente, e, além disso, eu gosto de cozinhar. Eu quero cozinhar, e quero que você descanse”.

Mamãe resmungava bem-humorada diante da teimosia dele, mas nós sabíamos que papai gostava de cada instante do seu papel como chefe da cozinha no fim de semana. E ele era bom nisso. Nossas refeições nos domingos à noite eram as melhores, mamãe ficava feliz em admitir. Quando terminávamos, sentávamos para assistir à televisão, como qualquer família. Não importava o que estivesse passando — simplesmente gostávamos de estar juntos.

Capítulo três

A caminho do mercado



Meu tio ficou em silêncio, mordendo o cigarro com força, deixando minha pergunta suspensa no ar pesado da manhã, até que o ônibus chegou e ele me empurrou para dentro. Ali reconheci duas mulheres que moravam na aldeia vizinha. Imediatamente elas perguntaram para onde estávamos indo. Meu tio disse um nome que não significava nada para mim e deixou claro que não queria falar sobre o assunto. Ouvi uma das mulheres cochichar que, meu Deus, íamos fazer uma longa viagem, e as duas perguntaram, em voz alta, para que afinal íamos fazer aquele percurso todo. Meu tio não lhes deu atenção, enquanto eu tentava dar sentido aos acontecimentos que tinham tornado minha vida uma grande confusão.

Um pouco mais tranquila, espiei pela janela e percebi que a paisagem ainda era familiar. Papai e eu havíamos passado por ali muitas vezes, sacolejando no seu riquixá. Então o ônibus parou e as duas mulheres desceram, despedindo-se e desejando-me boa viagem. Tomaram a direção de uma estrada com belas cercas coloridas. Vi que era o mercado onde meu pai sempre vendia suas verduras e onde tinha vendido a carpa enorme que havíamos pescado.

— Por que não vamos para aquele mercado? — perguntei.

— Muito pequeno — respondeu meu tio rispidamente.

O ônibus partiu, deixando para trás o mundo que eu conhecia tão bem, e subiu, e virou, e correu ao longo de campos, aldeias e cidades que eu nunca havia visto. Acabei dormindo com o sacolejar do ônibus.

Quando acordei, estava deitada no colo de meu tio, o seu braço envolvia-me o ombro. Ao perceber que eu estava acordada, puxou o braço de repente, como se não quisesse que eu pensasse que demonstrava algum afeto por mim. Sentei-me e olhei em volta. O ônibus estava vazio, não havia mais ninguém além de nós. Do lado de fora, já escurecia. Fazia quantas horas que estávamos viajando? Havíamos saído de casa logo depois do café da manhã. Não tínhamos comido nada desde então. Eu estava faminta.

— Quanto tempo ainda falta? — perguntei. — Estou com fome.

— Falta pouco — respondeu ele. Enfiou a mão no bolso e me deu um pedaço de bolo que minha mãe devia ter assado.

— Quando vamos voltar para casa? — perguntei.